

O RESPEITO À DIFERENÇA NO CONTO DE FADAS “A BELA E A FERA”

RESPECT FOR THE FAIRY TALE DIFFERENCE “BEAUTY AND THE BEAST”

Simone Cabral Marinho dos Santos **1**

Luthiana Vieira da Silva Medeiros **2**

José Raul de Sousa **3**

Nádia Farias dos Santos **4**

Resumo: Neste artigo, pautamos os aspectos conceituais acerca do respeito às diferenças, observando as características dos personagens principais que demarcam a diferenciação social no Conto “A Bela e a Fera”. Para isso, centramos teoricamente nossa discussão na análise interpretativa e descrição das características estruturais, além do conhecimento do enredo e da estrutura do conto, destacando a diferença como uma construção social que exclui, intimida e marginaliza os sujeitos que não se enquadram nos padrões sociais. Notadamente, em nossa análise, não perdemos de vista o encantamento com o universo do maravilhoso do conto de fadas. Nossa leitura aponta alguns elementos que caracterizam a oposição binária dentro da narrativa: beleza/feiura, bondade/maldade, gentileza/hostilidade, coragem/medo, compaixão/crueldade, inteligência/ignorância, branca/sombrio, generosidade/egoísmo, pureza/impureza, dentre outros. O conto nos faz entender que o respeito às diferenças coaduna com a necessidade de desmistificação de construtos ideais e deterministas de comportamento e atitudes para mulheres e homens presentes na obra.

Palavras-chave: Respeito à Diferença. Bela e Fera. Diferenciação Social.

Abstract: In this article we focus on the conceptual aspects of respecting differences, noting the characteristics of the main characters that mark the social differentiation in the Tale “Beauty and the Beast”. For this, we theoretically focus our discussion on interpretive analysis and description of structural features, as well as knowledge of the plot and the structure of the tale, highlighting the difference as a social construction that excludes, intimidates and marginalizes subjects who do not fit the social standards. Notably, in our analysis, we have not lost sight of the enchantment with the wonderful fairytale universe. Our reading points to some elements that characterize binary opposition within the narrative: beauty/ugliness, goodness/badness, kindness/hostility, courage/fear, compassion/cruelty, intelligence/ignorance, white/dark, generosity/selfishness, purity/impurity, among others. The tale makes us understand that respect for differences is consistent with the need to demystify ideal and deterministic constructs of behavior and attitudes for women and men present in the work.

Keywords: Respect Difference. Beauty and Beast. Social Differentiation.

Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Docente do Departamento de Educação e dos Programas de Pós-Graduação em Ensino – PPGE e Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido - PLANDITES, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Campus Pau dos Ferros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6921624271452465>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8338-8482>. E-mail: simonecabral@uern.br

Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Campus Pau dos Ferros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9544644207622911>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0786-0068>. E-mail: luthiana-vieira@hotmail.com

Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Campus Pau dos Ferros. Docente do Departamento de Educação, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Campus Pau dos Ferros. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1267801743864573>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1890-1347>. E-mail: raul_sousa11@hotmail.com

Mestra em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino – PPGE, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN/Campus Pau dos Ferros. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte/Campus Apodi. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5616836577392558>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1467-1916>. E-mail: nadia26farias@gmail.com

Palavras Iniciais

O debate em favor do respeito à diferença resulta do enfrentamento e rompimento de clichês e estereótipos situados no preconceito, no racismo e na discriminação social e de gênero. Sob o olhar observador de práticas e instrumentos que respondam de forma significativa no contexto escolar, percebemos, no universo da literatura, possibilidades de diálogo com os mais diversos aspectos sociais, entre eles, o respeito à diferença.

A partir desse entendimento, escolhemos o conto francês “A Bela e a Fera”, originalmente escrito em 1740 por Gabrielle-Suzanne Barbot, Madame de Villeune. Uma versão desse conto foi escrita por Jeanne-Marie LePrince de Beaumont, Madame de Beaumont, em 1757. Neste artigo, o conto “A Bela e a Fera” estudado está na edição *Contos de Fadas: de Perrault, Grimm, Andersen e outros*, coletânea da editora Zahar, publicada em 2010, com vinte contos, traduzidos por Maria Luiza X. de A. Borges e apresentação de Ana Maria Machado.

O conto narra a história de uma jovem chamada Bela, filha de um comerciante que, supostamente, se apaixona por Fera. Trata-se de uma obra bastante conhecida no espaço escolar, principalmente, no universo da leitura da literatura infantil. O conto incorpora de forma positiva e negativa, respectivamente, a imagem e o modelo padronizado de identidade, de comportamento e de atitudes de seus dois principais protagonistas, Bela e Fera. A marca do conflito entre seus protagonistas está no binômio Belo e Feio.

Por essa razão, fazemos o seguinte questionamento: de que forma é possível abordar o respeito às diferenças no conto “A bela e a fera”? A partir desse questionamento, elegemos a representação do diferente e os elementos de diferenciação na constituição das personagens centrais do Conto, alçados, predominantemente, na oposição binária Belo e Feio.

De caráter teórico, este artigo centra-se na análise interpretativa e descrição das características estruturais e temáticas do conto, refletindo sobre os aspectos conceituais acerca do respeito às diferenças, com base nas características dos personagens principais que demarcam a diferenciação social na narrativa. Pautamos nossa discussão em estudiosos como Silva (2005), Santos (2003), Candau (2008a, 2008b), Mantoan (2009), Gomes (2003, 2007), entre outros que, em seus estudos, oferecem alternativas interpretativas para pautar o respeito às diferenças, dos quais nos valem neste trabalho.

Nesse sentido, a temática que elegemos foi o respeito às diferenças, tendo em vista a desmistificação de construtos ideais e deterministas de comportamento e atitudes dos personagens mulheres e homens presentes na obra. Essa visão desconstrói uma de suas características estruturais: a visão marginalizadora dos sujeitos que não se enquadram nos padrões sociais do seu tempo. Nessa leitura, propomos, ainda, valorizar o universo maravilhoso do conto de fadas, problematizando as experiências vividas dos personagens que favoreçam uma reflexão crítica. Tomamos como pressuposto, que a literatura é parte do mundo a nossa volta e, portanto, fundamental para a formação humana e intelectual.

Literatura e Respeito à Diferença no Contexto Escolar

O respeito à diferença como pauta corrente na pedagogia contemporânea nos leva a repensar as práticas de ensino e os aparatos conceituais que sustentam a filosofia do diverso em um mesmo espaço, reafirmando a igualdade por meio das diferenças. Santos (2003, p. 56) reafirma “[...] a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades”. Assim, a palavra diversidade assume uma característica polissêmica, ou seja, vários significados, dependendo do contexto em que é utilizada. Para Gomes (2007), a diversidade é muito mais do que a simples identificação visual de diferenças, mas um conceito político e cultural a ser entendido e ampliado:

Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e

da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. Sendo assim, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser percebidos dessa forma, porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomeamos e identificamos (GOMES, 2007, p. 17).

Como vemos, as diferenças são forjadas no contexto de relações de poder, de modo que os sujeitos são moldados por seu gênero, classe social, idade, região, linguagem, sexualidade, cor, em conformidade com comportamentos socialmente esperados, em patamares desiguais na hierarquia social. O enfrentamento às formas de minimização ou silenciamento das diferenças compõe o ambiente de promoção à diversidade.

Em alguns momentos, falamos em diversidade, noutros, em diferença, mas apesar de próximos, são conceitos distintos. Por um lado, é preciso considerar que em diferentes grupos há muitas distinções entre seus membros, pois existem aspectos identitários entre os sujeitos que os distinguem, como os que unem, permitindo estabelecer elos e partilhar valores e propósitos comuns (CANDAUI, 2008b). Por outro, a diversidade, ao procurar contemplar o todo, todas as formas culturais, todas as culturas, como se pudessem ser dialogadas, trocadas de maneira universalista, pode contribuir para esvaziar o campo da diferença (ABRAMOWICZ, RODRIGUES, CRUZ, 2011).

Desse modo, a diferença se constrói no imaginário das representações sociais, no contato com o outro e na relação entre esse outro e o eu, no reconhecimento e respeito, na valorização da sociedade pluriétnica e multicultural do Brasil. Como sujeitos históricos, sociais e culturais, a diversidade nos é intrínseca, inerente ao ser humano. Através de nossas semelhanças e diferenças e do contato entre ambas, despertamos o desejo de pertencimento, construindo nossa identidade de gênero, étnica, social, cultural, entre outras. Lima (2008, p. 20) nos lembra que: “[...] entendemos diversidade na concepção de que ela é a norma da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são diversos em suas formas de perceber o mundo”.

Assim, compreender o respeito à diferença vai além de seu significado semântico ou da cor da pele, dos olhos, dos cabelos, formato do nariz ou outras marcas fenóticas, ou seja, a partir da relação do homem e da mulher com mundo. Para Laraia (1986, p. 45): “[...] o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas inúmeras gerações que o antecederam”. Em outras palavras, o modo como vemos o mundo, como nos portamos diante do que é diferente, da diversidade, do que valorizamos, respeitamos ou não, é aprendido no convívio com os pares, em nossos grupos sociais, produto de uma determinada cultura.

Por isso, é de suma importância que a escola tome consciência de sua função em reconhecer, em seu interior, as posturas e metodologias que reforçam o preconceito, de combater toda e qualquer forma de discriminação e de promover o debate, a fim de refletir e definir ações para uma educação que respeite a diferença e promova a diversidade. Sobre esse aspecto, Gomes (2003, p. 73) esclarece que a reflexão sobre escola e diversidade cultural “significa reconhecer as diferenças, respeitá-las, aceitá-las e colocá-las na pauta das nossas reivindicações, no cerne do processo educativo”. E continua o autor: “O acontecer humano se faz múltiplo, mutável, imprevisível, fragmentado. Essa é uma discussão sobre a diversidade cultural que precisa estar presente na escola” (GOMES, 2003, p. 73).

De fato, o acontecer humano parte de uma realidade *mutável* que ora reproduz, ora rompe com o socialmente determinado. A escola é cada vez mais heterogênea, ou seja, os alunos pertencem a diferentes grupos sociais, econômicos, religiosos, culturais, gênero, étnicos, com necessidades especiais, entre outras características. Nesse pensamento, vemos cada vez mais a necessidade de a escola promover um ensino que atenda às necessidades dos diferentes grupos sociais. Para Mantoan (2009), é de fundamental importância que os professores busquem meios que ajudem os alunos a vencerem os desafios escolares com base no desenvolvimento de suas capacidades.

Acredita-se que o professor, reconhecedor desse contexto em sala de aula, é capaz de distinguir o outro e valorizá-lo de acordo com suas especificidades e potencialidades, assegurando aos alunos a equidade e igualdade de oportunidades. Essa atitude é um caminho positivo para promoção de uma educação multicultural, evitando, assim, o daltonismo cultural, como adverte Candau (2008a). Para essa autora, “o daltonismo cultural tende a não reconhecer as diferenças étnicas, de gênero, de diversas origens regionais e comunitárias ou a não colocá-las em evidência na sala de aula por diferentes razões [...]” (CANDAU, 2008a, p. 27-28).

Na contramão do daltonismo cultural, o papel da escola é abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista (GADOTTI, 1992). Então, é fundamental identificar os obstáculos do sucesso dos alunos no processo de aprendizagem, tornando o ensino e a aprendizagem um processo prazeroso, numa interação contínua entre o professor, o aluno e o conhecimento. Para lidar com essas questões,

O professor deve garantir a liberdade e a diversidade das opiniões dos alunos. Nesse sentido, ele é obrigado a abandonar crenças e comportamentos que negam ao aluno a possibilidade de aprender a partir do que sabe e chegar até onde é capaz de progredir. Afinal, aprendemos quando resolvemos nossas dúvidas, superamos nossas incertezas e satisfazemos nossa curiosidade. (MANTOAN, 2009, p. 66)

Acreditamos que o professor seja, ou deveria ser, o parceiro incondicional da diversidade, uma vez que o educador é uma referência para o aluno. Nessa realidade, o nosso maior desafio talvez seja, “[...] fazer entender a todos que a escola é um lugar privilegiado de encontro com o outro. Este outro que é, sempre e necessariamente, diferente” (MANTOAN, 2009, p. 67). Na prática, cabe ao docente favorecer e promover esse “encontro com o outro”, e nada mais oportuno, do que por meio da literatura.

Candido (2011) afirma que a literatura é um direito humano, tal qual a educação, a saúde, a moradia, porque a literatura é uma construção social, uma forma de representação de uma sociedade. Candido (2011), ainda nos lembra que uma das funções da literatura é “humanizar e formar o homem”. Assim, a literatura permite à criança entrar em contato com várias maneiras de conhecer a realidade e o mundo à sua volta. O convívio com os livros amplia novos horizontes e nos ensina lições significativas, difíceis de esquecer. Ainda no pensamento de Candido (2011), a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. Nessa ideia, a obra literária nos torna capazes de refletir tanto sobre nós mesmos quanto sobre o mundo, e isso é inerente e indispensável à humanidade. Candido (2006) nos convida a combinar no processo interpretativo da literatura, texto e contexto da obra, conferindo a ela uma peculiaridade que une o plano da estrutura do livro e os aspectos sociais. Esse esforço de combinar natureza social e operações formais da obra acreditamos ser, também, extensivo à literatura infantil e juvenil.

Nesse sentido, a escola tem o papel de formar cidadãos leitores e nisso a literatura tem uma relação estreita entre leitor e leitura. Quando se lê, é possível fazer relação com fatos e experiências do cotidiano convergindo ou divergindo dos modos de pensar e agir do indivíduo supostamente estabelecidos. Nessa lógica, “[...] a leitura de literatura propicia adentrar no universo humano, conhecer suas características, peculiaridades, seus anseios, amores e dissabores, o que favorece o alargamento de horizontes, pouco possível em outras formas de criação” (SALDANHA, AMARILHA, 2018, p. 155). A interação com o texto literário, segundo as autoras, propicia ao leitor o alargamento de compreensão dos conflitos, problemas, crises, encontros e desencontros da vida, rompendo com o pretexto para o ensino moralizante (SALDANHA, AMARILHA, 2018).

No contexto da sala de aula, a literatura é indispensável. E quando tratamos de literatu-

ra infantil, a compreensão do mundo se faz por meio da diversão e da imaginação. Com a literatura, a criança conhece coisas novas como a construção da linguagem, da oralidade, de ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal e intelectual. Notadamente, a literatura infantil sempre evidenciou a preocupação do adulto com a criança, tratando-se de uma comunicação assimétrica que, segundo Zilberman (1987), é endossada pela influência do adulto sobre a criança, uma vez que colabora na configuração de seus valores ideológicos, seja visando à integração ao meio burguês, seja visando à liberação e à criatividade.

Mas não podemos perder de vista o poder da literatura infantil de suscitar o imaginário e instigar a curiosidade do pequeno leitor. De acordo com Abramovich (1997, p. 17) “[...] é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...]”. No trabalho com a literatura, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, o livro, sua cultura e a sua própria realidade.

Por isso, o trabalho com a literatura, pautado no respeito à diferença e à diversidade, faz-se possível e indispensável, porque provoca no leitor diversos sentimentos, suscitando reflexões sobre algum tema em questão. Assim, o texto literário funciona como um excelente aporte em sala de aula e abre caminhos para muitas e diversas leituras, sob as mais variadas temáticas, entre elas, a questão do respeito às diferenças, como vemos no conto “A Bela e a Fera”.

Da Definição do Conto de Fadas à Leitura de “a Bela e a Fera”

O primeiro contato com os contos de fadas é na infância, seja em casa, seja na escola. Quando é apresentado de maneira encantadora, conduz a criança tanto ao mundo imaginário, onde tudo é possível, quanto à coragem para enfrentar os desafios do cotidiano. Desde muito tempo, o conto é considerado um gênero atraente para crianças. Segundo Coelho (2003), os contos de fadas surgiram há milhões de anos, através da tradição oral, mas sua valorização se concretizou há alguns séculos, quando os contos passaram a ser contados para as crianças de maneira lúdica e, nesse sentido, os contos de fadas encantam e cativam as crianças e adultos até os dias de hoje. Para Góes (1991, p. 116), “[...] a presença do maravilhoso é fundamental do conto de fadas”. É ele que dá ao conto o caráter imaginativo, que predomina na narrativa. Nessas histórias, o herói ou a heroína busca vencer os obstáculos para conquistar o final feliz. Com relação ao cenário dos contos de fadas, Góes (1991) afirma que, geralmente, centram-se em florestas e majestosos castelos, ficando por conta do imaginário do leitor a incumbência de criar os detalhes. Mas são as personagens, partes fundamentais de um conto, que dão vida a todo o desenrolar da história.

De fato, o conto de fadas contribui para a descoberta da identidade da criança, sugerindo experiências que são fundamentais no seu desenvolvimento e no seu caráter. De acordo com Bettelheim (1980), o conto de fadas tem na descoberta do “EU”, na criança, o seu fundamento. Seu significado pode apresentar estágios e aceitação diferenciada para cada uma delas, adequando-se a cada momento da sua vida. Ao longo dos anos, a depender dos interesses e necessidade do momento, extraímos significados diferentes com a leitura, seja ampliando os velhos significados, seja substituindo-os por novos.

Dentro desse pensamento, no clássico “A Bela e a Fera” de Madame de Beaumont (BEAUMONT, 2010), a história romântica se destaca pela magia e encantamento, pelo universo da fantasia, despertando na criança a compreensão de que a beleza deve ser contemplada pelo que somos e fazemos. Essa versão mais resumida traz a história de uma moça moradora de um pequeno vilarejo francês, filha de um comerciante em crise financeira. Para suprir as dificuldades econômicas, o comerciante enfrenta aventuras, repletas de percalços e trocas. Nesses percalços, ele encontra belezas e comodismo em seu trajeto, porém, mal sabe que todos os privilégios em seu caminho levarão a sua filha Bela a entrar em um jogo, para salvá-lo. Assim, para não ver o pai morto, Bela se sacrifica e passa a viver no castelo com a Fera, sem saber que teria uma vida digna e, além de tudo, conhecer o lado humano da Fera. Após viver dias no mesmo recinto, em troca da liberdade do seu pai, ela passará a viver um conto de fadas, que ensina a amar além das aparências.

“A Bela e a Fera” e o Respeito às Diferenças: uma Análise do Conto

O conto “A Bela e a Fera” de Madame Beaumont (2010) é uma narrativa que nos faz refletir sobre a construção social da diferença, representada pela oposição belo e feio que, inicialmente, é representada pelo elemento da pobreza e da riqueza na figura do pai da personagem Bela; depois, pelo aspecto da beleza e da feiura, na figura da Bela e da Fera.

Nessa reflexão, o que realmente é o feio? Uma aparência horrível ou um coração mal-doso? Segundo o Minidicionário Aurélio (FERREIRA, 1993, p. 247), feio é “de aspecto desagradável, indecoroso, vil.”. O significado de feio é polissêmico, ou seja, tem vários significados, pois tanto pode ser algo de aparência desagradável e vil, quanto algo que não tem decência, dignidade, compostura. E o que é belo? Ainda de acordo com o Minidicionário Aurélio (FERREIRA, 1993, p.71), belo é algo “que tem forma perfeita e proporções harmônicas; agradável aos sentidos; elevado, sublime; bom, generoso; sereno aprazível; próspero, feliz”.

Nessa lógica, na narrativa do Conto, o feio está associado à maldade e impureza, assim como o belo, ao bom e puro. O castigo dado à Fera foi a feiura, o aspecto de monstro, resultando no isolamento e a segregação do personagem, de modo que o aspecto do feio representa um desvio do padrão social, estigmatizado pela aceitação do belo e a rejeição à feiura. Nesse caso, a condição de feio funciona como um castigo, uma punição dada ao personagem e o amor de Bela pela Fera é incompreensível e inadmissível, justo pela contradição estabelecida entre a beleza e a feiura. Isso fica ainda mais claro quando a Fera se transforma em príncipe, numa clara representação de que o amor só se realiza, de fato, quando a beleza reina entre os dois.

Assim, a beleza vence a feiura, fazendo da Fera um homem bonito, como estabeleciam os padrões sociais do seu tempo. Esse é um dos aspectos que pode ser abordado em sala de aula pelo professor. Klaegen (2006) nos ajuda a pensar sobre a possibilidade de trabalhar em sala de aula a oposição entre belo e feio, como também a ideia de punição e castigo, auto-segregação e muitos outros pontos. Para a autora, a construção da diferença,

Cria um estigma de que a pessoa que é diferente dos padrões estabelecidos pela sociedade tem a obrigação de mostrar qualidades como bondade, chamada de beleza interior, para que tais qualidades sejam capazes de suprir ou mascarar as diferenças (KLAEGEN, 2006, p. 05).

É exatamente na emergência da beleza interior que o amor de Bela é justificável, pois a beleza é procurada, não só no físico, mas no interior da personagem Fera. Essa diferença estabelecida pelo aspecto da beleza e da feiura nos personagens centrais pode ser uma marca de identidade da Bela e da Fera. Assim, “as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre a identidade” (SILVA, 2005, p. 80). Na verdade, ambas são inseparáveis e mutuamente determinadas, sob as seguintes condições:

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos (SILVA, 2005, p. 80).

Nessa discussão, entendida como ponto de referência, e considerando esta como um conjunto de caracteres particulares que identificam uma pessoa, a diferença está em oposição, mas de forma independente. Silva (2005), chama de diferenciação esse processo de construção de identidade que pode estar presente em relações que se firmam ao incluir/excluir (“estes

pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”, “puros e impuros”. “desenvolvidos e primitivos”, “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”). De fato, essa oposição binária que Silva (2005) destaca (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”), bem como normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”), nos chama a atenção. Essa compreensão muito se adequa ao nosso estudo, pois a diferenciação construída nos personagens tanto classifica, como identifica a condição de normalidade, ou não, entre as personagens. Vejamos as seguintes características:

Quadro 1. Construção da diferenciação entre bela e fera

OPOSIÇÃO BINÁRIA	BELA	FERA
Classificação	Beleza	Feiura
	Branca	Sombria
	Bondade	Maldade
	Pureza	Impureza
	Delicadeza	Rispidez
	Generosidade	Egoísmo
	Coragem	Medo
	Inteligência	Rudeza/ignorância
	Gentileza	Hostilidade
	Compaixão	Crueldade
Normalização	Humana	Animal/monstro
	Esguia	Colossal

Fonte: Arquivo da pesquisa (2019)

Como podemos notar, os aspectos de diferenciação mostrados no quadro 1 nos ajudam a compreender, dentro da narrativa, os marcadores individuais da diferença. Esses aspectos estão postos no Conto de forma sutil que, sem um olhar atento e crítico do(a) leitor (a), passam despercebidos.

Percebemos que o Conto é construído a partir da exaltação de virtudes fundamentais para as moças no início do século XVIII, como o zelo, a bondade, a modéstia e a compaixão. Claramente, esses podem ser elementos para o ensino moralizante e interpretação mecânica do texto literário, que precisam ser rompidos. Esses elementos aparecem no texto pela representação do aspecto da beleza como padrão que se impõe: branca, esguia, olhos claros e cabelos loiros. Há que se destacar também o ambiente em que ambos vivem: a casa e a floresta, da personagem Bela, são convidativas e iluminadas, enquanto o castelo de Fera, escuro e apavorante. Essa oposição riqueza e pobreza está nessa passagem do conto sobre a rotina de Bela e as irmãs quando ricas:

[...] Essa caçula, além de mais bela que as irmãs, era também melhor que elas. As duas mais velhas se orgulhavam muito de ser ricas. Davam-se ares de grandes damas e não queriam receber visitas das outras filhas de comerciantes. Só gostavam da companhia de gente da nobreza. Todos os dias iam ao baile, ao teatro, saíam a passeio e zombavam da caçula, que ocupava a maior parte de seu tempo lendo bons livros. (BEAUMONT, 2010, p. 55)

Nesse trecho, percebemos a construção de duas vertentes da riqueza: uma que ostenta *status* e luxo e outra que proporciona o acesso ao saber por meio dos livros. O conto ainda trata de sentimentos e atitudes como inveja e orgulho em oposição à humildade. A heroína não é só bela, é dela também a virtude da humildade e da compaixão pelo próximo:

[...] De repente, o negociante perdeu sua fortuna. Só lhe restou uma pequena casa no campo, bem longe da cidade. Chorando, disse às filhas que teriam de ir morar lá e trabalhar como camponeses para sobreviver. As duas filhas mais velhas responderam que não queriam deixar a cidade, e que tinham vários admiradores que ficariam felicíssimos em se casar com elas, mesmo que não tivessem mais fortuna [...] Mas, ao mesmo tempo, todo mundo repetia: “Quanto a Bela, temos muita pena de sua desgraça. É uma moça tão boa! Fala com os pobres com tanta bondade, é tão meiga, tão virtuosa...” (BEAUMONT, 2010, p. 55)

As virtudes de Bela são afloradas de forma mais evidente quando a família perde os bens, pois a heroína se adequa à nova vida, privada de ostentação e luxo, não se importando se é pobre ou rico, feio ou bonito, mas com o sentimento humano. Aliás, é essa capacidade de humanização que Fera, no convívio com Bela, adquire, mudando a personalidade do monstro hostil, feroz e causador de medo, para benevolente e piedoso. Para Picolo e Higashi (2014), Fera, à medida que toma atitudes racionais, como a negociação com o pai e da concessão de “liberdade” a Bela, se humaniza.

Nesse sentido, essas marcas de atitudes e vícios aparecem em outros personagens como as irmãs de Bela, mulheres brancas, bonitas, malvadas e invejosas, que só pensam em si mesmas; os irmãos de Bela, homens brancos, bonitos, humildes, corajosos e valentes; o pai de Bela, homem branco, forte, humilde, educado, inteligente, corajoso e de bom coração. De fato, todos esses personagens são homens e mulheres brancos, no enredo do conto, obedecendo ao modelo de família burguesa (pai, mãe e filhos), exceto pela ausência da mãe, cujo destino é modificado em função da nova condição de pobreza da família.

É visível que, mesmo não apresentando seu tempo cronológico, no conto existem alguns detalhes do lugar onde se passa a narrativa. A princípio, a história acontece no século XVIII, em uma cidade com o grande palácio do pai de Bela. Ao ficar pobre, Bela e sua família são obrigados a morar em uma casinha humilde no campo, longe da cidade. Para chegar até essa casa, é preciso atravessar uma grande floresta, onde a Fera mora em seu grandioso castelo:

[...] De repente, no fim de um comprido túnel de árvores, viu uma luz forte, mas que parecia muito distante. Seguiu naquela direção e viu que a luz saía de um grande palácio, todo iluminado. O negociante agradeceu a Deus pelo socorro que lhe enviava e tratou de chegar logo àquele castelo. (BEAUMONT, 2010, p. 57)

Assim, é perceptível que o lugar onde acontece a narrativa é algum lugar na Europa: castelos, bosques e neve são elementos que nos levam a essa identificação, típicos desse continente. Embora o Conto apresente um caráter de realidade e proximidade com o real, reforça o mundo maravilhoso e fictício dos tradicionais contos de fadas. O castelo traz objetos mágicos, como o espelho em que Bela vê a sua família; a mesa posta sem que haja nenhum criado; o concerto sem que visse ninguém tocando; o livro de desejos que Bela encontra no quarto; o cofre cheio de ouro que aparece no quarto do pai de Bela, enviado por Fera; o anel que Bela usa para se teleportar até a casa do pai e o castelo; as luzes que acendem sozinhas; a fada que transforma as irmãs de Bela em estátuas; e, claro, a própria personagem Fera, um homem que fora transformado num monstro. Assim, a presença do maravilhoso, característica desse tipo de gênero, faz parte do universo mágico que compõe a narrativa.

Quando chega ao castelo de Fera, o pai de Bela é recebido de portas abertas e não lhe falta nada; comida, bebida, lugar quentinho, cama para dormir e roupa para usar. Porém, o comerciante não imaginava que o dono do castelo fosse uma fera monstruosa:

[...] Como passava da meia-noite e estava exausto, resolveu fechar a porta e se deitar. Quando se levantou, no dia seguinte, já eram dez horas da manhã. Para sua surpresa, encontrou uma roupa muito limpa no lugar da sua, que estava toda estragada. “Com certeza”, disse consigo, “este palácio pertence a uma boa fada que teve piedade da minha situação.” Olhou pela janela e não viu mais neve, mas alamedas de flores que encantavam a vista. Voltou para o salão onde ceava na véspera e percebeu uma mesinha em que havia chocolate quente. “Muito obrigado, senhora Fada”, disse em voz alta, “por ter tido a bondade de pensar em meu café da manhã.” (BEAUMONT, 2010, p. 57)

Como notamos pelo trecho, o pai de Bela imagina que toda a gentileza dada a ele só podia vir de uma fada. Isso nos lembra o sentimento de diferenciação posto em evidência, ou seja, bondade e gentileza são sentimentos atípicos de um monstro.

Quando pensamos no trabalho em sala de aula, como adentrar o nosso olhar para além das aparências das coisas? É o momento de romper com o estereótipo, com a impressão padronizada que influencia a nossa percepção sobre as coisas, o mundo e os indivíduos de modo particular. A personagem Fera não é esse monstro que aparenta ser, pois é dotada de sentimentos que não lhe são comuns: o acolhimento. Contudo, o Conto nos traz um lado sombrio de Fera. Quando o pai de Bela pega uma flor para a sua filha, Fera aparece e ameaça matá-lo por ter pego o que ele mais amava: as rosas. Em seguida, o pai pede desculpas e a Fera tenta mostrar ser rude e malvado pedindo a vida de uma das filhas do pobre homem em troca da dele: “[...] Perdoai-me, Vossa Alteza, não tinha intenção de vos ofender colhendo uma rosa para atender o pedido de uma de minhas filhas.” (BEAUMONT, 2010, p. 58).

Notamos que mais uma vez a dualidade se faz presente na narrativa. Como pode uma fera amar as rosas? Só um coração bondoso e amável pode amar as rosas? Na verdade, é que a Fera se alimenta delas. Alimenta-se justamente do que lhe falta: a beleza almejada para ser aceito e amado. Assim, a personagem Bela é sua esperança de voltar à vida humana. Essa versão é partilhada por Pícolo e Higashi:

Apesar de ser uma criatura tão assustadora, alimenta-se de rosas, flores tão singelas. O fato de alimentar-se delas sugere que se alimenta daquilo que lhe falta, o que nos leva a crer que Bela é o ser que almeja e que pode lhe trazer de volta a

vida, ou seja, pode torná-la humana. (PICOLO, HIGASHI, 2014, p. 09).

Nessa lógica, a personagem Bela, ao saber que seu pai seria morto por ter pego uma rosa para lhe dar de presente, imediatamente, pôs-se à disposição para ir no lugar do pai, mostrando assim ser uma pessoa justa e fiel, pois além de demonstrar o amor pelo pai, Bela representa o símbolo da coragem, da mulher destemida, indo de encontro à imagem indefesa de muitas das mulheres do seu tempo:

Por que eu choraria a morte de meu pai? Ele não vai morrer. Como o monstro está disposto a aceitar uma de suas filhas, vou me entregar à sua fúria. Estou muito feliz, porque, morrendo, terei a alegria de salvar meu pai e lhe provar minha ternura” (BEAUMONT, 2010, p. 59).

Ao chegar ao palácio de Fera, Bela e seu pai estavam trêmulos de medo, pois pensavam que o monstro iria matar a jovem. Fera agradeceu pela moça ter vindo por conta própria e mandou os dois dormirem. Ao amanhecer, o pai teria que se despedir da filha para nunca mais vê-la. A partir desse momento, começou uma sequência de fatos que mudaria toda a percepção de Bela referente a Fera. Primeiramente, ele preparou um quarto com tudo o que a jovem moça gostava: um armário com vários livros, música e um cravo. Em seguida, tratou-a como uma rainha, dando-lhe tudo que precisava para ter uma vida confortável: roupas, joias, comida, música, tudo de qualidade, jardins de flores. Assim, Bela não pode deixar de agradecer e perceber o quanto aquela Fera era bondosa:

[...] “O senhor é mesmo bondoso”, disse Bela. “Confesso que seu coração me agrada muito. Quando penso nele, o senhor não me parece tão feio.” “Ah, senhorita, é verdade”, respondeu a Fera. “Tenho um bom coração, mas sou um monstro.” “Muitos homens são mais monstruosos”, disse Bela, “e gosto mais do senhor com essa aparência que daqueles que, por trás de uma aparência de homens, escondem um coração falso, corrompido, ingrato.” “Se eu fosse inteligente”, respondeu a Fera, “agradeceria com um grande elogio. Mas sou um idiota, e tudo que posso dizer é que fico muito grato”. (BEAUMONT, 2010, p. 61)

Nesse sentido, o monstro que causa medo pela aparência é capaz de despertar sentimentos e atitudes tidos como característicos do belo: a bondade e a afeição. Caracterizada como uma Personagem híbrida, Fera é a mistura de elementos diferentes e opostos, ou seja, o feio que é bom. Fera quer se parecer malvado e burro, porém, Bela percebe sua bondade e agradece por ser tão generoso com ela.

É fato que a fala da personagem ainda desperta o leitor para refletir sobre a aparência bonita de alguns homens que, apesar disso, são monstros por dentro. A aparência monstruosa da Fera não faz Bela deixar de perceber e valorizar o que ele tem de melhor no ser humano: um coração bondoso e cheio de generosidade. Assim, a bondade de Fera se revela à medida que se afeiçoa de Bela. Aliás, outro momento controverso de Fera, marcado pela generosidade é quando a jovem ganha permissão para visitar seu pai. Embora seja condicionada à sua volta, Bela poderia escolher não retornar.

[...] “Posso prometer nunca deixá-lo para sempre”, disse Bela, “mas tenho tanta vontade de rever meu pai que morreria de dor se me recusasse esse prazer.” “Preferiria morrer a fazê-la sofrer”, respondeu a Fera. “Vou enviá-la à casa de seu pai. Mas se a senhorita não voltar, sua pobre Fera morrerá de dor.” “Não”, disse Bela, chorando. “Meu amor é muito grande para causar sua morte. Prometo voltar em oito dias [...]. Meu pai está sozinho, permita que eu passe uma semana com ele.” “Estará lá amanhã cedo”, disse a Fera. “Mas lembre-se da sua promessa. Quando quiser voltar, só precisa pôr seu anel sobre uma mesa ao se deitar”. (BEAUMONT, 2010, p. 62).

Nesse ponto, além da generosidade da Fera, percebemos um outro elemento importante do conto, o anel mágico de Bela. Essa joia representa a busca dela por um amor; primeiro, o amor do pai, em seguida, o amor da Fera. Este último, incomum, inaceitável por ela, perante a aparência monstruosa de Fera. Ainda, durante a passagem de Bela na casa do pai, podemos perceber outros elementos que compoem a ideia de belo. Vejamos a seguir:

[...] Enquanto Bela se vestia, foram avisar suas irmãs, que vieram com seus maridos. Todas as duas estavam muito infelizes. A mais velha se casara com um fidalgo, belo como o amor. Mas ele estava tão apaixonado por sua própria imagem que não pensava em outra coisa da manhã à noite, e desprezava a beleza da esposa. A segunda se casara com um homem muito inteligente. Mas ele só usava sua inteligência para espicaçar todo mundo, a começar por sua mulher. (BEAUMONT, 2010, p. 63)

Assim, na passagem das irmãs de Bela, a beleza se perpetua pela imitação. O belo se abre para a expressão mais perfeita da noção de beleza. Apesar de as irmãs de Bela serem lindas e terem casado com belos homens ricos, elas não eram felizes, pois eram maridos ignorantes e não se importavam com suas esposas, só com si mesmos. Nesse sentido, o belo representa o egoísmo e a inveja das jovens. Ao saber que Bela estava tão bem e feliz com Fera, as irmãs invejosas arquitetaram um plano para que a Fera se chateasse com ela e a devorasse. Porém, isso faz Bela ficar mais alguns dias e numa das noites em um sonho com Fera, ela relata:

[...] “Não é muita maldade minha”, disse ela consigo mesma, “fazer sofrer a Fera que é só bondade para mim? É culpa dele se é tão feio, se não é muito inteligente? Ele é bom, e isso vale mais que todo o resto. Por que não quis me casar com ele? Seria mais feliz ao lado dele que minhas irmãs com seus maridos. Não é nem a beleza, nem a inteligência de um marido que fazem uma mulher feliz. É o caráter, a virtude, a bondade”. (BEAUMONT, 2010, p. 64)

Embora reconheça que a beleza não determine caráter, Bela resiste em amar o que é feio, aquilo que não está dentro dos padrões sociais estabelecidos. Bela viveu no castelo de Fera durante meses e já estava acostumada com as visitas do monstro, sempre às nove horas da noite, durante o jantar. Contudo, algo incomodava a jovem, pois Fera sempre a pedia em casamento antes de ir se deitar, e com sinceridade, respondia-lhe:

[...] O senhor está me fazendo sofrer, Fera. Gostaria de poder desposá-lo, mas sou muito sincera para iludi-lo, dizendo que isso um dia vai acontecer. Serei sempre sua amiga, procure se contentar com isso." "Não me resta outra coisa", respondeu a Fera. "Não me engano a meu respeito, sei que sou horrível. Mas a amo muito e, seja como for, fico muito feliz por aceitar permanecer aqui. Prometa que não me deixará. (BEAUMONT, 2010, p. 62)

Assim, Bela nunca iludiu Fera, negando-lhe sempre o pedido de casamento porque não o amava. Por outro lado, por amar a jovem demais, a Fera se contentava apenas com a presença dela ao seu lado no castelo. Ainda quando estava na casa de seu pai, ela teve um sonho. Viu Fera deitado no jardim como morto e entra em desespero. Com isso, Bela percebe a importância dele para ela e volta ao palácio. Já de volta ao palácio, no jantar, ele não aparece e aí começa uma procura incansável pelo castelo. Ao lembrar que o viu deitado no jardim, no sonho, decide ir procurá-lo e ao encontrá-lo desacordado, surpreende-se:

[...] A Fera abriu os olhos e disse a Bela: "Você esqueceu sua promessa. A dor de perdê-la me fez decidir morrer de fome. Mas morro contente, pois tive o prazer de revê-la mais uma vez." "Não, meu caro, não vai morrer", respondeu Bela. "Vai viver para se tornar meu esposo. Desde já lhe concedo minha mão, e juro que pertencerei somente a você. Ai de mim, acreditava que era só amizade, mas a dor que sinto demonstra que não poderia viver sem a sua presença." (BEAUMONT, 2010, p. 64)

Nesse momento, a personagem Bela reconhece o amor que sente por Fera, apesar das diferenças e, se declarando a ele, prova seu amor aceitando sua mão em casamento, sem se importar com sua real aparência. Ao aceitar desposar Fera, Bela teve uma grande surpresa que mudaria sua vida para sempre:

[...] Bela viu o castelo resplandecer de luz, os fogos de artifício, a música, tudo anunciava uma festa, mas aqueles esplendores não prenderam sua atenção. Voltou-se para sua Fera, cujo estado a inquietava. Que surpresa teve! A Fera desaparecera e tudo que a Bela viu a seus pés foi um príncipe mais belo que o amor, que a agradeceu por ter desfeito seu encantamento. (BEAUMONT, 2010, pp. 64-65)

Assim, Fera virou um lindo príncipe e contou o que realmente tinha acontecido na vida dele, agradecendo a Bela por ter desfeito o feitiço. Como foi dito, "a Bela e a Fera restou como representante de uma vasta linhagem de contos em que o amor precisa transcender as aparências animais para acontecer" (CORSO, CORSO, 2006, p. 134). Porém, percebemos na nossa leitura, que o feitiço é desfeito para a beleza prevalecer, ainda que Bela tenha se apaixonado pela Fera, de modo que o conto reproduz um modelo estereotipado de beleza, daquilo que é realmente bonito.

Nesse pensamento, em sala de aula, o professor tem um papel importante: contribuir para percepções inovadoras em relação aos valores sociais e culturais em detrimento da visão

marginalizadora que enquadram os sujeitos nos padrões sociais. Assim como começou, o conto termina com castigo e punição. Igualmente, como a Fera, as irmãs de Bela são castigadas:

[...] “Quanto às senhoritas”, disse a fada para as duas irmãs da Bela, “conheço seus corações, e toda a malícia que encerram. Vou transformá-las em duas estátuas. Mas conservarão toda a sua razão sob a pedra que as recobrirá. Permanecerão na porta do palácio de sua irmã e não lhes imponho outro castigo a não ser testemunhar a felicidade dela. Só poderão retornar a seu estado anterior no momento em que reconhecerem seus erros, mas acho que serão estátuas para sempre. Podemos nos corrigir do orgulho, da cólera, da gula e da preguiça. Mas a conversão de um coração mau e invejoso é uma espécie de milagre.” (BEAUMONT, 2010, p. 65)

Nesse momento, o Conto reforça a polaridade entre o bem e o mal e como nos contos de fadas, o bem sempre vence o mal. Se por um lado, a punição para Fera foi a feiura e o castigo, isolamento; para a irmãs de Bela, a punição foi a condição de estátua, e o castigo de permanecerem no palácio testemunhando a felicidade da irmã Bela. Tanto para Fera como para as irmãs, o castigo e a punição geram sofrimento, que só a “conversão de um coração mau” é capaz de redimir as pessoas. Essa é mais uma marca registrada do conto: a esperança, ou seja, desde que sejamos capazes de nos redimir dos erros.

Nesse sentido, os heróis da narrativa são diferentes em relação ao aspecto da beleza e da feiura, mas se destacam justo por essa dualidade. Não existe exatamente um príncipe bonito e belo. Existe uma Fera que é atraída pela beleza de uma jovem linda, resgatando sua beleza e jovialidade. A personagem Bela torna-se a responsável pelo resgate da beleza da Fera, salvando-o do castigo da feiura, de modo que o conto exalta construtos, ideais deterministas de comportamento e atitudes para mulheres, como delicadeza, cuidado, compaixão, entre outros. A narrativa abre espaço para motivar a discussão em sala de aula sobre relações de gênero, em que a figura feminina se destaca pela sua coragem e determinação e não pela sua fragilidade e delicadeza. Trazendo para sala de aula esses elementos, no estudo do Conto, o professor pode problematizar o texto literário para além do conhecimento do enredo e estrutura do texto, ensinando a importância do respeito com o outro e suas diferenças, e contribuindo para a formação de cidadãos que respeitam e que se preocupam com o próximo.

Considerações Finais

A literatura sempre se destaca por ser considerada uma condutora de sonhos para os leitores e leitoras. Destacamos o conto de fadas, porque os textos, originais ou adaptados, mostram como essas histórias continuam fortes e expressivas, acrescidas dos elementos que fazem parte da contemporaneidade. Logo, o Conto de Fadas ressurgiu triunfante nos textos destinados às crianças.

Notadamente, o conto “A Bela e a Fera” oferece elementos para aguçar o imaginário, ao passo que apresenta possibilidades de questionar a realidade, abrindo espaço para que a própria criança reflita sobre os seus comportamentos, atitudes e postura diante do outro e do mundo que a cerca. Em nosso tempo, esse conto parece propício para discutir o respeito às diferenças.

Desse modo, com nossa leitura, percebemos os elementos que caracterizam a oposição dentro da narrativa: beleza/feiura, bondade/maldade, delicadeza/hostilidade, coragem/medo, dentre outros. Os elementos que demarcam a construção dessa diferenciação estarão presentes em maior ou menor nível, desde versões mais tradicionais até as mais recentes. Para isso, é sempre positiva a sensibilidade do professor na interpretação do texto literário e seu trabalho em sala de aula.

Nossa leitura nos faz compreender ainda que, ao analisar o conto “A Bela e a Fera” à luz do respeito às diferenças, encanta-nos a possibilidade de abordá-lo, de forma crítica, com crianças e jovens uma construção social que exclui, intimida e marginaliza os sujeitos que não se enquadram nos padrões sociais de beleza, sem perder de vista o encantamento com o universo do maravilhoso.

Referências

ABRAMOWICZ, A.; RODRIGUES, T. C.; CRUZ, A. C. J. A diferença e a diversidade na educação. **Contemporânea**, São Carlos, n. 2, jul.dez. 2011

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BEAUMONT, J. M. L. A bela e a fera. In: **CONTOS DE FADAS**: De Perrault, Grimm, Andersen e outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CANAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANAU, V. M. (Orgs.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a.

CANAU, V. M. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, jan./abr. 2008b.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. p. 171-193.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no Divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COELHO, N. N. **Conto de fadas**: símbolos mitos arquétipos. São Paulo: DCL, 2003.

FERREIRA, A. B. H. **Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GADOTTI, M. **Diversidade Cultural e Educação para Todos**. Juiz de Fora-MG: Graal. 1992.

GÓES, L. P. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

GOMES, N. L. Diversidade e currículo. In: BRASIL. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

GOMES, N. L. Educação e Diversidade Étnico-cultural. ____ In: BRASIL. **Diversidade na Educação: reflexões e experiências**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.

KLAEGEN, N. A. **Discutindo a diversidade na sala de aula**: o diferente nos filmes Infantis. Anais do XIII Encontro Nacional de didática e prática de ensino. Recife-PE. 23 a 26 de abril de 2006. Disponível em: http://endipe.pro.br/anteriores/13/posteres/posteres_autor/n_posteres_autor.htm. Acesso em: 11 maio. 2017.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

LIMA, E. S. Currículo e desenvolvimento humano. In: BRASIL. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

MACHADO, A. M. Apresentação: um eterno encantamento. In: **CONTOS DE FADAS**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MANTOAN, M. T. E. **O desafio das diferenças nas escolas**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PICOLO, S. R.; HIGASHI, S. A morfologia da Fera. **Ângulo**, n. 136, jan./mar., 2014.

SALDANHA, D. M. L. L.; AMARILHA, M. O ensino de literatura no curso de Pedagogia: uma presença necessária. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, nov./dez. 2018.

SANTOS, B. S. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, T. T. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis - RJ: Vozes, 2005.

ZILBERMAN, R. **A Literatura infantil na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

Recebido em 12 de agosto de 2020.

Aceito em 15 de setembro de 2020.